



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A BICHA DOS BICHOS

Por ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTAÑÉ

Quando chega o calor, apetece-me ir passar um tempo na floresta.

Foi o que fiz agora.

Instalei-me, como é meu costume, num grande carvalho, cheio de bela folhagem.

Dentro dum bogalho redondinho é que eu dormia regalado e cantava a toda a hora:

— Achei a casinha
que mais me convinha,
muito maneirinha,
muito lavadinha,
bem assombreada,
livre da nortada,
com linda fachada,
p'ra minha morada.
Aqui passarei,
aqui ficarei,

tôda esta estação,

té findar o verão.

Ai, la, ri, lá, lé,

assim é que é! —

Assim é que é!... Assim é que é!... zumbiu uma môska furiosa. — Aqui d'el-rei:

Eu te ensinarei! Anão, ladrão! Anão, ladrão!...

Logo, o exército das môskas que faziam de polícia dos bogalhos, veio em socorro da queixosa, assaltando o bogalho invadido.

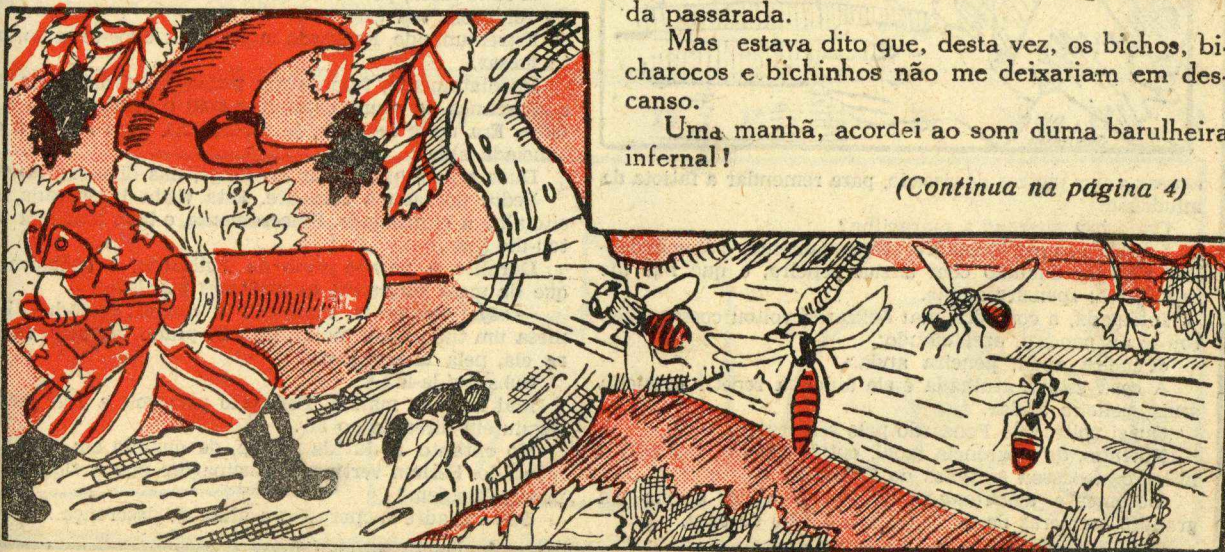
Vai, então esguichei sôbre elas, uma data de Flit e foi uma debandada geral.

Assim, consegui livrar-me daquela praga de mosquedo e, daí por diante, julguei poder gozar a vida, sossegado e feliz, ora tomando o fresco, sôbre os ramos do carvalho, onde o bogalhinho estava pendurado, ora ouvindo a alegre cantoria da passarada.

Mas estava dito que, desta vez, os bichos, bicharocos e bichinhos não me deixariam em descanso.

Uma manhã, acordei ao som duma barulheira infernal!

(Continua na página 4)



FELIZARDO, o LENHADOR

Versão popular por MARIA BRANCO

Felizardo, como a desmentir seu nome, chegara, desgraçado e triste, junto do pântano de águas pestilentas, disposto a morrer ali.

Esquecer, acabar com suas misérias!

Subitamente, numa auréola de luz, surge-lhe, em túnica vermelha, São Pedro.

Atordoado, Felizardo esfregou os olhos, abriu a boca e, como num sonho, julgou ouvir:

— «É's pobre, Tens a casa cheia de filhos e a arca vazia de pão. Não tens trabalho e tua mulher é rabugenta. Mas Deus não quer a morte do pecador. Toma esta peneira. De cada vez que disseres: — «peneira anda, peneira anda...» sacas de farinha alvissima, dos trigais do Céu, aparecerão à tua roda. Não voltes a pecar.»

Sumira-se a visão...

No ar havia, um perfume estranho.

Confundido, Felizardo apanhou a peneira e, a medo, balbuciou:

«Peneira anda...

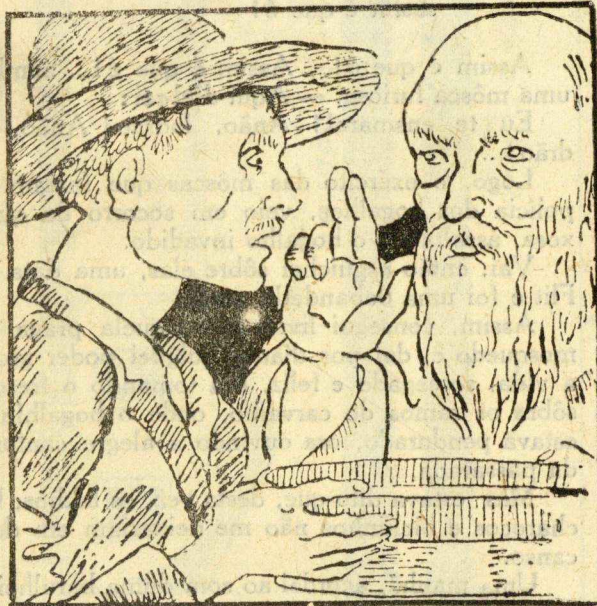
Peneira anda.»

Logo a abarrotar de farinha, lhe caíram aos pés dois grandes sacos.

Felizardo mirou-os, remirou-os...

Louco de alegria, o lenhador ajoujou com eles e com a peneira o seu burrico lazarento.

Venderia a farinha na cidade, comprando em troca brôa, um naco de toucinho, algumas gramas de café e



açúcar e uns metros de riscado, para remendar a fatiota da miudagem.

Onde iria guardar a maravilha?

Lembrou-se da comadre. Ingenuamente, recomendou-lhe o maior cuidado com a sua peneira, e que não lhe segredasse: «peneira anda».

Intrigada, a comadre, mal Felizardo voltou costas, abeirou-se da peneira, exclamando:

«Peneira anda, peneira anda.»

A casa estava atulhada e ela ainda a repetir «Peneira anda, peneira anda».

Quási noite, veio Felizardo pelo seu tesouro.

Novinha, de aparência igual, outra peneira, que não a milagrosa, passou às mãos do Felizardo.

Docemente agarrou-a, partindo, a alma aberta em grandes quimeras de voltar a caminho de casa.

Quando a mulher o viu chegar, folgazão, ditoso, burrico carregadinho de muitas encomendas, admirou-se imenso, e mais ainda, logo que o marido lhe confidenciou o seu segredo.

Fôram apressados experimentar. Mas a peneira, não possuindo as virtudes celestiais, nem bulia sequer.

Desiludida, a mulher riu-se, e troçou do pobre Felizardo...

A deshoras, o lenhador voltava à floresta...

Dum raio de luar, desceu São Pedro e gravemente interpelou-o:

— «Ingrato! Tornas a tentar a Deus?!».

— «Deixe-me, não faça pouco da minha desventura!» respingou altivo o lenhador».

Desembaraçando-se do seu manto, São Pedro apontou-lhe uma mesa de pinho.

— «Deus teve piedade de ti. Guarda esta mesa, e diz-lhe:

«Põe-te mesa, põe-te mesa». Não mais haverá uma hora de fome em tua casa.»

Estremunhado, Felizardo murmurou: «Põe-te mesa, põe-te mesa».

Imediatamente, fumegaram petiscos. Devorou-os e com a esperança na alma, caminhou com o burrico para a cidade. Era noite fechada, já tarde, pois, para seguir à distanciada aldeia.

Duas horas, badalavam ao longe, nas diversas torres...

Pediú pousada à comadre. Esta visita inesperada, suscitou-lhe a curiosidade. Sinceramente, o bom lenhador contou-lhe tudo.

Durante o pesado sono de Felizardo, a comadre fez que da mesa surgissem os melhores manjares.

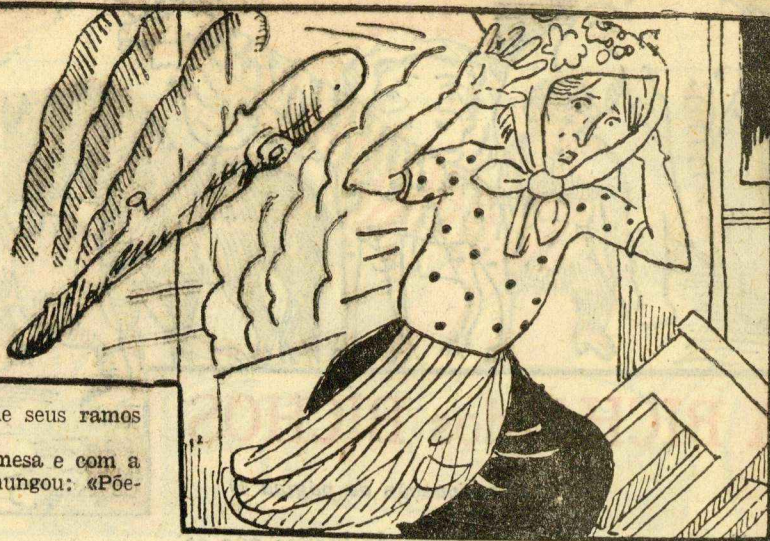
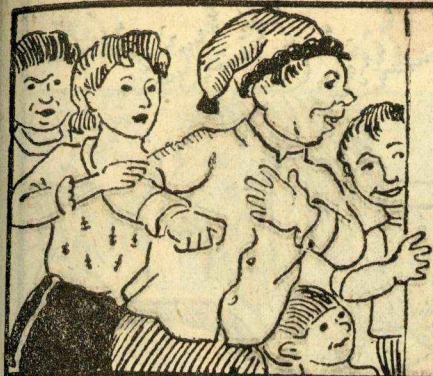
— «Que fortuna!» exclamou a amiga comadre. Uma mesa um tudo nada maior, mas de pinho também, mercára ela, pela última geira.

Substitui-la-ia.

Mal raiou a manhã, Felizardo carregou a sua mesa e seguiu em direcção ao lar.

No entanto, a dúvida, vinha, de quando em vez, atormentá-lo. Seriam vertigens, alucinações que a floresta lhe prodigalisassem?

Sua comadre enchera-lhe a alma de descrença...



Todavia os carvalhos não desprendem de seus ramos mais do que bolotas, fôlhas e galhos sêcos...

Fez parar o burrico, desajouando-o da mesa e com a incredulidade a brilhar-lhe nos olhos, resmungou: «Põe mesa, põe-te mesa».

Mas qual?

Perdendo a cabeça, abandonou o burro e correu novamente à floresta.

São Pedro esperava-o.

Sorria-lhe até...

Porquê? Ajoelhou, erguendo as mãos.

São Pedro falou:

— «Desconfia dos homens e não de Deus. Duvidaste do Senhor e acreditaste na tua comadre. Foi ela quem te roubou. Toma êste bordão. Dá-lho, recomendando-lhe que não lhe diga:

— «Pau anda...

Pau anda...»

Quando ela gritar por socorro, acode, mas só pares com o castigo quando ela te restituir as tuas coisas...

A primavera em redor, enchia de côr, de fragrancia e mocidade a natureza inteira.

Nunca a passarada cantara tanto. Os grupos de crianças e moçoilas eram rosadas e frescas como as flores.

O que era a Vida, o Futuro? Bendita a alegria e bendito o reconhecimento à enorme e profunda bondade de Deus!

Só depois de bem sovada, é que a comadre se convenceu que daquêle pau de marmeleiro nada mais havia a esperar.

Dorida, gritou, chamou, gemeu.

Acorreram os vizinhos.

Que fôssem procurar o bruxo do compadre.

Este não se fez esperar. Exigiu os seus tesouros.

A princípio, ainda tentou negar. Porém, as bordoadas vinham certas, cada vez mais duras e impiedosas. Quasi morta, declarou, então, a verdade.

Carregando êle mesmo com a mesa e a peneira, Felizardo entrou em casa. Os filhitos dormiam, a mulher chorava. A fome vencera-os...

Felizardo abraçou à pressa a mulher, acordou a filha-rada.

Lágrimas e amarguras, foram rapidamente esquecidas. A' roda da mesa, em que assados loirinhos, bolos maravilhosos e fritos deslumbrantes saciavam e consolavam, só se ouviam risos e boas palavras.

Os filhos, julgavam continuar sonhando...

A mulher chorava inundada por doçura desconhecida...

Felizardo de tão boa fé, custava-lhe, ainda, a acreditar na falsidade da comadre.

O conto termina aqui. Todavia quem conta um conto, acrescenta um ponto... não quero fugir à regra!

Que fez Felizardo?

No alto da serra, onde as excursões eram frequentes mandou o nosso homem construir lindissimo hotel.

O cozinheiro era incansável e vá de apresentar a eus numerosos hóspedes, os mais variados acepipes.

A criadagem não percebia êsse excêntrico personagem que só os patrões conheciam...

Como o mistério forja as lendas, vá de architectar que era um monge, já banhado de graça, vivendo isolado na sua cela, a mimosear os homens com aquelas delicias que só do Paraíso viriam...

Os filhos estudavam para doutores, as filhas eram gentis fidalguinhas, o senhor Felizardo o mais complacente dos hoteleiros e a mulher nunca mais soube o que era mau génio.

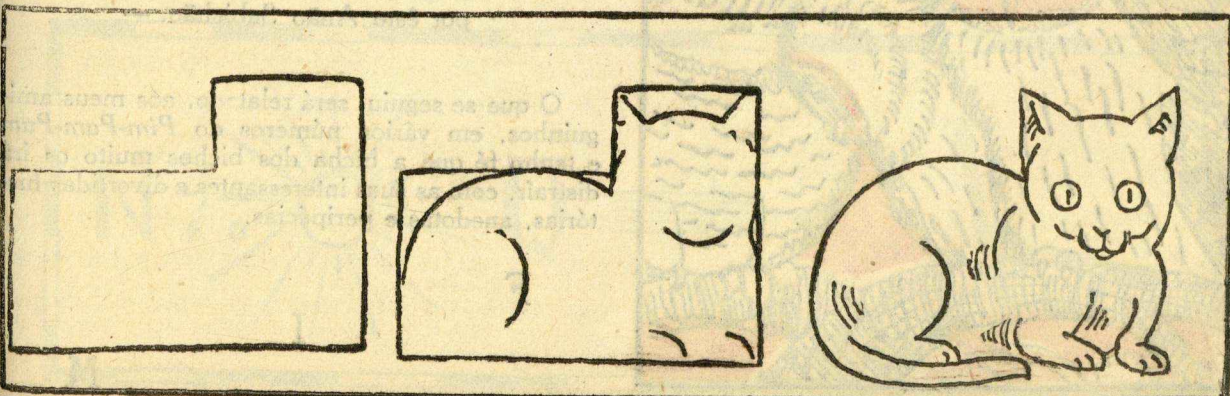
Todos os anos, em noites de São Pedro, ardiam grandes fogueiras nos jardins do hotel.

Felizardo, alheado, esperava São Pedro...

Mas, segundo creio, nunca mais voltou!

FIM

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um gato



A BICHA dos BICHOS

(Continuação da página 1)

Era uma internacional bicha de bichos que se juntara ali.

Todos, a um tempo, guinchavam, berravam, grunhiam, urravam, piavam, querendo, á viva força, que eu os ouvisse!

E para quê?

Os bichos, afinal, são tal qual como os homens!

Desde a formiga ao leão, pretendiam todos que, por meu intermédio, viesse, aqui, no *Pim-Pam-Pum*, a sua história, o seu retrato, anedotas ou protestos contra injustiças de que eram vítimas.

Mas eu é que já estava com a cabeça em água, farto de tanta barulheira, pior que as buzinas dos automóveis nas ruas das cidades.

E vai, mandei aviso a uma certa coruja velha, minha amiga, bicharoco temível, mas que estava agora regenerada, — quer dizer: — não matava, nem comia bichos, — para me vir guardar o carvalho onde eu vivia no tal bogalhinho, minha casa de repouso.

Pois a coruja velha, veio dizer-me que, sòzinha, não lhe era possível dar conta do recado!



O seu forte bicanço e as suas asas possantes eram impotentes para conter a desaustuinada bicharia!

Chamou-se, então, o senhor Corujo, seu marido, mais todos os corujinhos pequenos, seus filhos, netos e bisnetos.

A família dos corujos, numa faina, mantinha a ordem na bicha dos bichos.

Determinei receber, em audiência, alguns dos reclamantes.

Mas, antes disso, fiz-lhes o seguinte discurso:

— Muito juízo, atenção!
Nenhuma má criação,
e nenhuns desaguizados,
entre bichos malcriados!
Senão, escusam de pensar,
que assim, me vá ocupar,
no *Pim-Pam-Pum* reinadio,
a escrever, dias a fio,
anedotas, pretensões,
de bichos e bicharões.
Fique-lhes bem na memória:
só lhes contarei a história,
se usarem boas maneiras,
sem barulhos, inferneiras,
indignos de bicharia,
que deve ter cortezia,
e muita consideração,
por êste Anão Sabichão. —

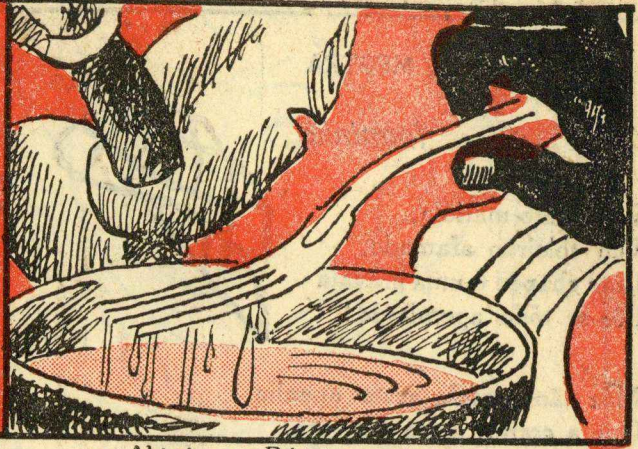
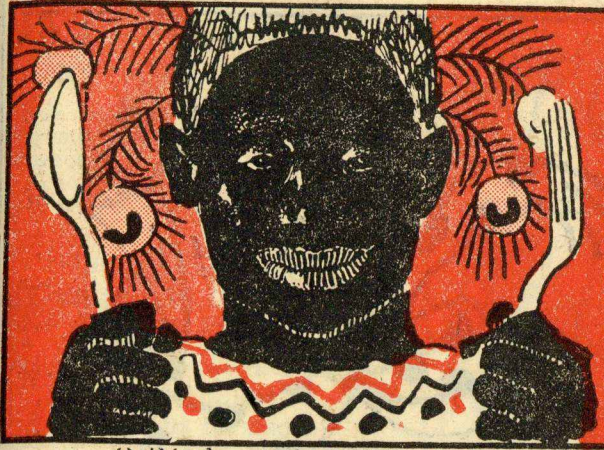
O que se seguiu, será relatado, aos meus amiguinhos, em vários números do *Pim-Pam-Pum* e tenho fé que a bicha dos bichos muito os irá distraír, com as suas interessantes e divertidas histórias, anedotas e peripécias.

F

I

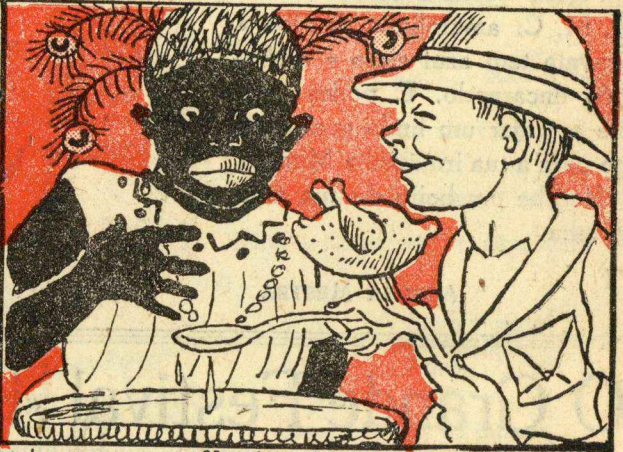
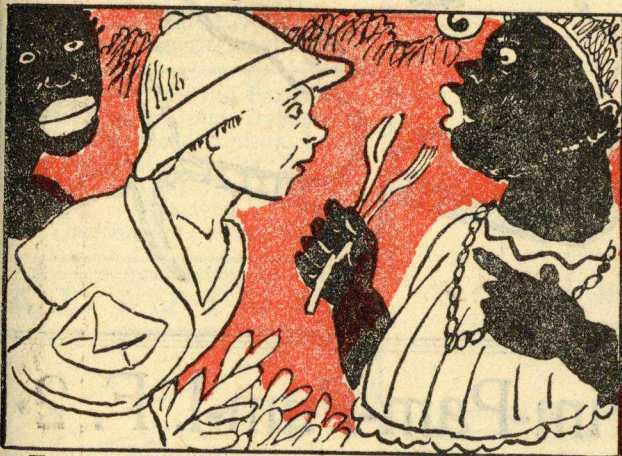
M

O Régulo e os Talheres



O Régulo «Anda-de-Rôjo», da Tribu «Toca-a-comer», encontrou, entre o despôjo, duma expedição qualquer, panela de largo bôjo, um bom garfo e uma colher.

Alguém ao Régulo, então, explicou que tais objectos eram uma espécie de espetos para não comer-se à mão. Porém, o chefe dos prêtos achou tola a explicação.

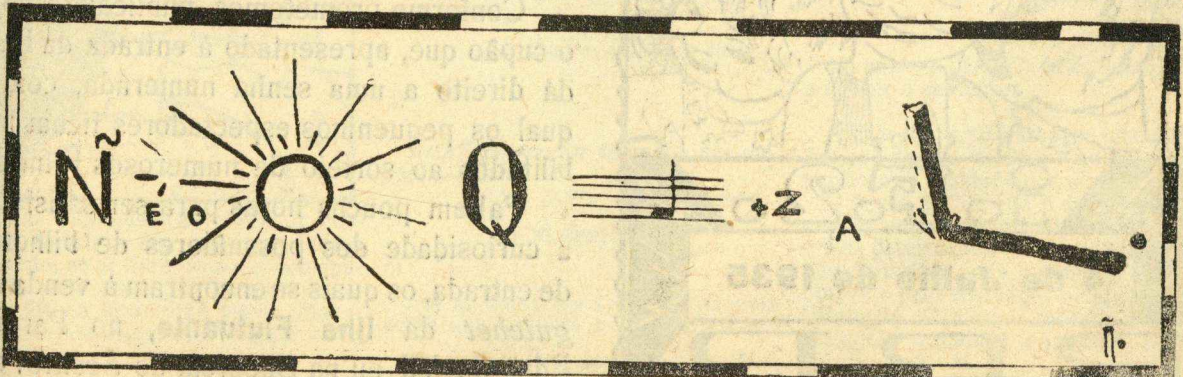


Tendo caído no seio da Tribu, ao outro dia, um branco, tipo europeio, diz-lhe o Régulo que havia para salvar-se um só meio; de contrário morreria:

Servir-se, com ligeireza, dos utensílios achados; comendo, mas com limpeza, cosidos, fritos e assados. Então, com grande surpresa, eis os prêtos espantados.

Vendo o branco devorar, sem custo e muito contente, um magnífico jantar; servindo-se, unicamente, dos utensílios sem par e estranhos à negra gente.

ENIGMA PITORESCO

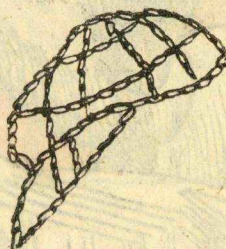


O CESTINHO da COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Joaninha

Este pinto mariola,
Um toleirão afamado,
Com chapéu e uma gravata
Pôs-se tódo aperaltado!



Mas tão grande susto apanha,
Que a correr, desta maneira,
Já sem chapéu, sem toleima,
Busca louco a capoeira!

Aí o tens, Joaninha.
Agora borda-o com filoselle
D. M. C. amarelinha, faz-lhe a
gravata tem azul claro e o cha-
péu encarnado. E podes com
êe arranjar um lindo guardana-
po para a tua irmãzinha Mimi.
Recebe um beijo da tua ami-
guinha



ABELHA MESTRA

O Grande Festival «Pim-Pam-Pum-I. F. 2»



E', finalmente, hoje que se realiza na Ilha Flutuante I. F. 2, o grande festival infantil, organizado pelo nosso suplemento. Vai ser uma tarde de esfusiante alegria para os nossos pequeninos leitores de Lisboa.

Conforme prometemos, publicamos hoje o cupão que, apresentado à entrada da Ilha, dá direito a uma senha numerada, com a qual os pequeninos espectadores ficam habilitados ao sorteio de numerosos brindes.

Faltam poucas horas para ser satisfeita a curiosidade dos possuidores de bilhetes de entrada, os quais se encontram à venda no guichet da Ilha Flutuante, no Parque Eduardo VII ou na Sucursal do Século, no Rossio.

Concursos

Charadísticos

SECÇÃO RECREATIVA
N.º 9 — 1.º CONCURSO

Nota: — Toda a correspondência referente a esta secção, deve ser endereçada a *Américo Taborda (Ret do Sébo) — «Pim-Pam-Pum!» — Rua do Século, 43 — Lisboa.*

DICIFRAÇÕES DO N.º 5

1 — VIVA O SÉCULO; 2 — Camarão; 3 — Camara; 4 — Melhora-mera; 5 — MARZOCO — MARCO; 6 — Francisca-franca; 7 — Sábado-Sado.

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 1 — *NELAS* — nove votos
N.º 5 — *A. SERAVAT* — sete votos

OUTRAS VOTAÇÕES

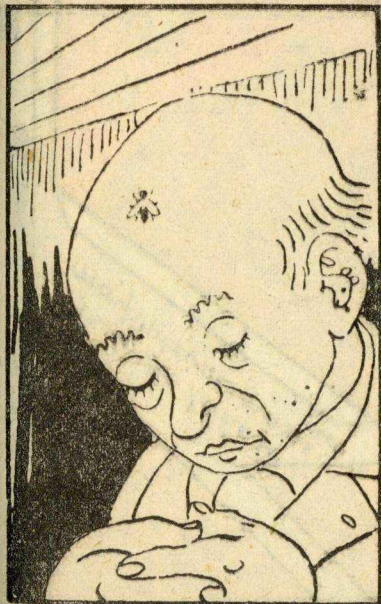
N.º 4, de Adelino J. Cardoso, 5 votos; n.º 5, 1.

DICIFRADORES

QUADRO DE HONRA

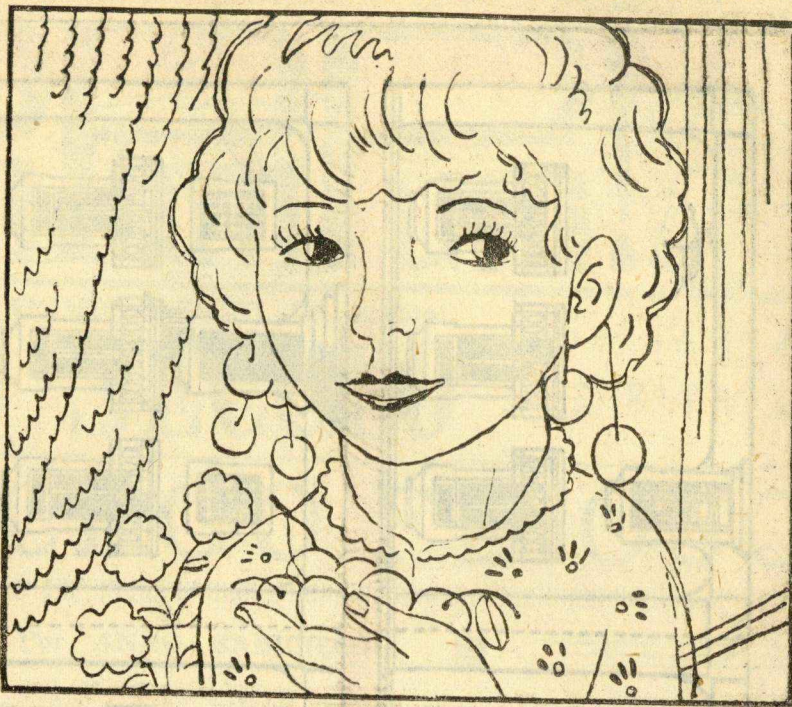
Anjocarfer, Arievalo, Barba Azul, Béu, Dália de Jesus, Dois manos, Efi, Fernandoso, Lilicas, Lucas, Noémia, Um dicifrador, Zéca, Zé Gaspar, Zé Guinoro, Zé Quitolas, Zeuzinho.
(Decifraram 7 — Totalidade)

ADIVINHA



Meus meninos — Este senhor costuma dormir a sua sesta em tardes de verão, ao ar livre, sempre acompanhado dum cãozinho e duma música. Esta última já a estão vendo. Mas o cão onde se encontra? Vejam se o descobrem.

PARA OS MENINOS COLORIREM



QUADRO DE MERITO

António C. Abreu, Romualdo Teles Santos, 6 — António Freire, I. Atirbac, 5 — Alfredo Matos, 4.

OUTROS DECIFRADORES

Chalet d'Ossos, 5.

CHARADAS NOVISSIMA

1) *Carapau*
Apanhas na face com uma tranca se tornas a deitar «peixe» fóra!. — 2-1
Lisboa — Erfer

SINCOPADAS

2) *beu*
Numa «fita» de cow-boys entra sempre um homem esperto. — 5
Coimbra — Bé bé (C. C. C.)

3) *beu*
Nesta terra portuguesa vi um «réptil». — 3
Lisboa — Dália de Jesus

4) *mar*
Esta «época» por «sinal» é das piores. — 5
Dois Manos

ELETRICA

5) *mar*
Foi no ponto mais elevado daquela serra que apanhei o «animal». — 2 5
Portalegre — Arievito

COMBINADAS

6) *litorano*
+ cio — Mau hábito
+ ca — Covil
+ o — Corrente de água
+ va — Notícia

Conceito: «Homem»

Leiria — Abrunhosa «O Espauhol»

7) *noruega*
+ ta = Apontamento
+ brica = Assinatura
+ ra = Tempo
+ lo = «Ave»

Conceito: País da Europa

Alpedrinha — Alfredo Matos.

ENIGMA TIPOGRÁFICO

NOTA
TU *robetudo*

9 letras

Setubal — Béu.

No número passado desta secção há a anotar o seguinte:

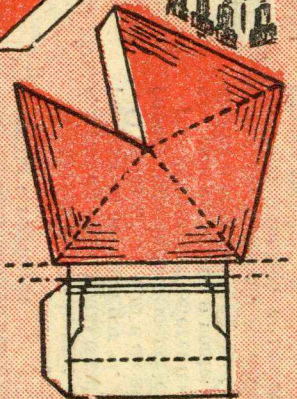
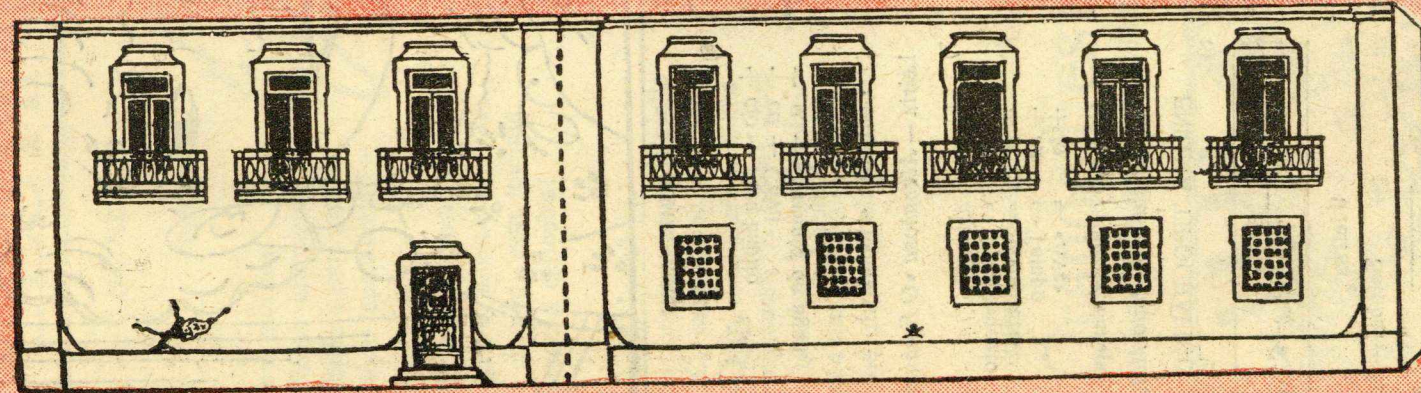
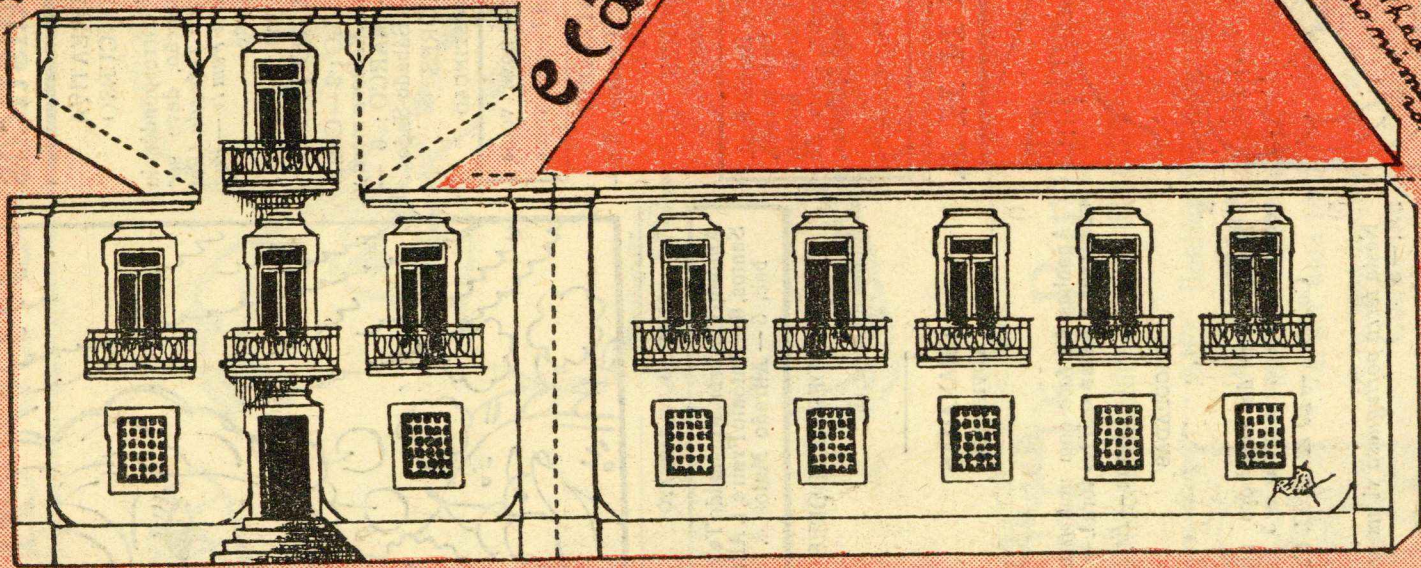
A charada n.º 6 que saiu com a indicação de ser «Gisita» o autor, devia publicar-se assinada por «I. Atirbac». O ponto n.º 5 é que é da autoria do concorrente anteriormente citado.

Nas decifrações referentes ao n.º 2, não saiu destacado o ponto n.º 1, que obteve o primeiro lugar no Quadro de Distinção. O mesmo sucedeu com os restantes trabalhos votados, à excepção do n.º 8.

14ª Folha:
TRIBUNAL

escadaria

O telhado do Edifício
na pressão normal



-1935- A. Taborda

Arquit. um.